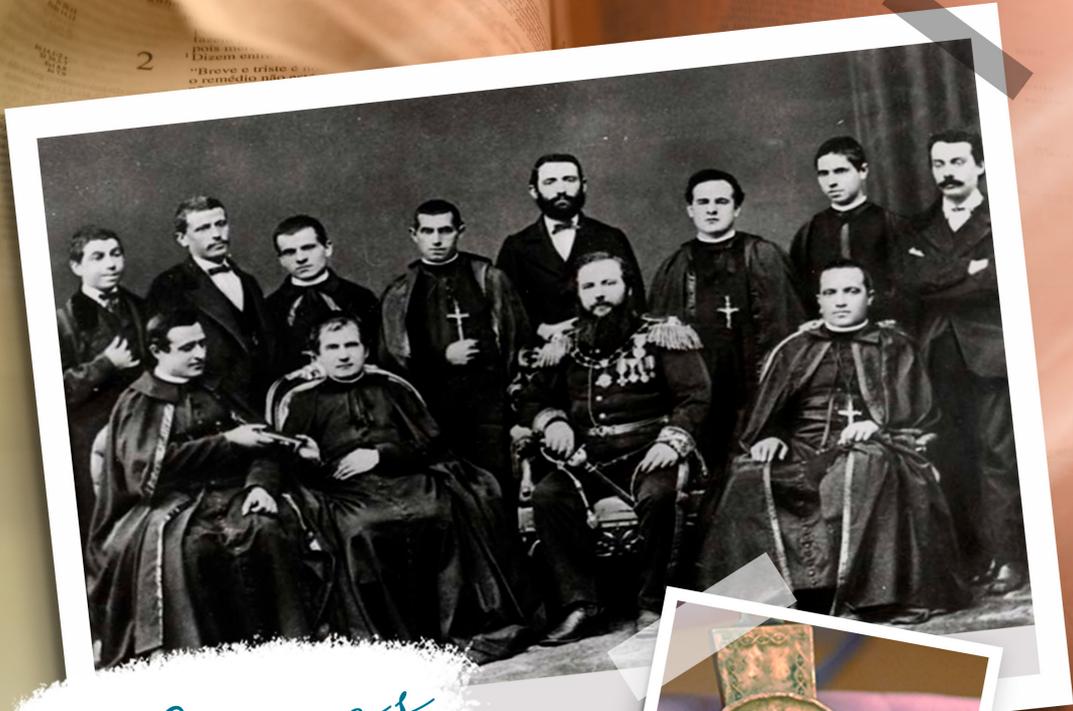


TEOLOGIA



150 anos



**Triênio
de Preparação**

**150 anos do envio da 1ª
Expedição Missionária Salesiana**

TEOLOGIA MISSIONÁRIA



Expediente

Coordenador Regional da Animação Missionária – CORAM

P. Sérgio Ramos de Souza

Referencial Setor Missões para o Conesul

P. Reginaldo Cordeiro

Delegados Inspetoriais da Animação Missionária – Conesul

P. Agustinus Jou – PAR

P. Rafael Galvão Barbosa – BSP

P. Francisco José Chimento – ARS

P. Raimundo Marcelo Cardoso Maciel – BMA

P. José Adrián – URU

P. Romeu do Nascimento Dias – BBH

P. José Aníbal Chaf Gallardo – CIL

P. Sérgio Ramos de Souza – BPA

Ir. Juan Pablo Tobanelli – ARN

P. Wagner Luís Galvão – BCG

Ir. Manoel Messias da Silva – BRE

Autores

P. Alfred Maravilla, SDB

Diác. Josemar Abel, SDB

P. Antonio João Neto, SDB

Heriberto Cabrera Reyes

César González

José Sobrero

Diác. Ivan Alves, SDB

Lorena Basualto

Tradutores

Ir. José Sobrero - ARN

Ir. Juan Pablo Tombanelli - ARN

P. Angelo Dante Biz - BPA



Diagramação

Thiago A. Caminanada

Projeto Gráfico e Capa

Ademilson Gonçalves

Sumário

Apresentação 04

P. Sérgio Ramos de Souza, SDB

**O Primeiro Anúncio:
atualidade e urgência para a América Latina 09**

P. Alfred Maravilla, SDB

**A dimensão bíblica no mandato missionário:
quando a bíblia vibra e dá vida 20**

Heriberto Cabrera Reyes, SDB

O Discípulo Missionário a Serviço da Vida 28

Diác. Josemar Abel, SDB, Diác. Ivan Alves, SDB e P. Antonio João Neto, SDB

A Dimensão Missionária da Pastoral Juvenil Salesiana 34

Lorena Basualto e César González

**A dimensão intercultural da missão:
a interculturalidade, entre maldição e bênção 40**

Heriberto Cabrera Reyes, SDB

Sinodalidade significa caminhar juntos 46

José Sobrero, SDB

Apresentação

Iniciamos no ano de 2022 um caminho de preparação aos 150 anos do envio da primeira expedição missionária que celebraremos em 2025. Este percurso compreende um triênio em que aprofundaremos alguns temas missionários importantes: a HISTÓRIA, a TEOLOGIA e a ESPIRITUALIDADE. A comemoração dos 150 anos é uma possibilidade de renovar pessoalmente e comunitariamente o espírito missionário salesiano. Neste segundo ano, aprofundaremos alguns elementos da TEOLOGIA MISSIONÁRIA e, para isso, foi elaborado um subsídio para ajudar as nossas comunidades salesianas e as nossas comunidades educativo-pastorais na reflexão missionária.

O Concílio Vaticano II, no Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad Gentes, dá uma nova impostação à missão da Igreja a partir do mistério Trinitário. A base desta afirmação é a missão divina de Deus Trino: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo”¹. A missão tem o seu fundamento teológico e a sua origem no amor fontal de Deus Pai, que no seu plano salvífico compreende as missões do Filho e do Espírito Santo. Tal perspectiva coloca em evidência a existência e a missão da Igreja tendo como referimento e como primeiro fundamento a missão de Jesus Cristo, enviado do Pai e por ele enviado à Igreja o Espírito Santo. Este fundamento trinitário não compreende apenas a missão divina ad extra, mas diz respeito a Trindade mesma, ad intra, como comunhão das pessoas divinas.

A Igreja é chamada a participar da missão divina. Não é a proprietária da missão, mas colaboradora no projeto salvífico de Deus. Continua na história

¹ CONCILIO ECUM.VATICANO II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad Gentes (07 dezembro 1965), n. 2 (daqui em diante será citado como AG).

a missão de Cristo guiado pelo Espírito. A Igreja, nesse sentido, preenche o tempo, em continuidade, até a vinda de Cristo (escatologia). É fiel ao mandato missionário² e continua a missão de Jesus de “anunciar a boa nova aos pobres, a sarar os contritos de coração, a proclamar a libertação dos cativos e a restituir a vista aos cegos” (Lc 4, 18). A Igreja, portanto, está a serviço do Reino de Deus.

Diante de uma sociedade complexa e plural, a Igreja é chamada a evangelizar. Todo este processo de mudança requer da Igreja um repensamento da sua presença e relação com o mundo. A Igreja, por natureza missionária, deve ser presença significativa no mundo e dialogar com o contexto no qual é inserida. A missão deve ser encarnada e contextual. A visão de uma Igreja em saída e de uma pastoral missionária impulsiona a uma renovação da ação eclesial. Esta vivência evidencia uma Igreja em saída, em diálogo com o mundo e com uma opção preferencial pelos pobres

Para ser verdadeiramente missionária, a Igreja é chamada a sair de si mesma e andar em direção às periferias, sendo uma Igreja pobre com os pobres. Todo este processo de renovação exige das comunidades uma verdadeira conversão pastoral, procurando superar uma mentalidade de uma pastoral de conservação. Esta mentalidade eclesial missionária impulsiona todo o discípulo a ser missionário. Este discipulado-missionário nasce de um encontro decisivo com a pessoa de Jesus, sendo uma adesão livre de abraçar o evangelho vivendo-o pessoal e comunitariamente, dando testemunho da própria fé na sociedade: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”³. Ser uma Igreja em saída exige uma atitude dialógica com o mundo, valorizando o diferente e o plural.

A alegria de ser discípulo, de ter recebido esta boa nova, impulsiona a ser missionário no cotidiano. A vivência deste discipulado se dá de forma diversa para cada batizado. Pelo batismo cada cristão é inserido na vida comuni-

2 Cf. Mt 28,16-20; Mc 16, 15-18; Lc 24, 44-49; Jo 20, 21-23.

3 BENTO XVI, Carta Encíclica Deus caritas est (25 dezembro 2005), n. 1.

tária, na Igreja, e chamado a colaborar e participar nos diversos ministérios e carismas. Cada batizado vive a sua vocação de maneira específica a serviço do Reino de Deus. Esta concepção enfatiza o sacerdócio comum dos fiéis, a partir do qual cada um é chamado a viver a santidade de vida na sua vocação específica, com senso de corresponsabilidade, evitando assim uma visão clerical da missão. Todo batizado é convocado a assumir de forma ativa a sua missão na Igreja e na sociedade.

A dimensão comunitária do discipulado é imprescindível. Não existe um cristianismo que não seja comunitário. A fé cristã é vivida e testemunhada pessoalmente, mas numa comunidade de fé, numa comunidade de batizados – uma comunidade alternativa que nasce do anúncio da Palavra para anunciá-la, que nasce com o evento de Pentecostes, quando um grupo de pessoas que havia convivido e escutado Jesus, recebendo o Espírito Santo, se libertam do medo que bloqueava o anúncio e professam a fé anunciando a mensagem de Jesus. Um grupo formado por pessoas diferentes, que estabelecem uma relação nova.

Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho⁴.

A boa nova exige a defesa e a promoção da vida. Diante de tantas situações que colocam em risco a vida das pessoas ou que não levam em consideração a dignidade humana, o discípulo não pode se omitir. A dimensão profética da Igreja deve denunciar toda forma de injustiça e opressão e propor, a partir do evangelho, uma alternativa de vida que valoriza todas as pessoas. O testemunho de Jesus que se faz pequeno com os pequenos inspira a todos os batizados a assumirem um estilo de vida de acordo com a proposta cristã, que vise sempre o bem comum.

A construção de um mundo mais solidário, de uma civilização do amor,

4 FRANCESCO, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (24 novembre 2013), n. 20

precisa da colaboração de toda a sociedade. Consequentemente, a comunidade cristã não pode ser fechada em si mesma, mas dialogar com os diversos sujeitos sociais a fim de colaborar para uma sociedade com mais qualidade de vida. O diálogo motiva a aproximação com as diferentes tradições cristãs num belo testemunho de ecumenismo, como também abre espaço para o diálogo inter-religioso, a fim de que as várias tradições religiosas possam contribuir na construção de um mundo melhor, a partir dos seus valores: “Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os ‘sinais dos tempos’, à luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e ‘para que a tenham em plenitude’ (Jo 10, 10)”⁵.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que “a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa!”⁶. A missão é comunitária e parte de uma comunidade de discípulos que faz a experiência com o Ressuscitado, que impulsiona para a missão que é animada pelo Espírito Santo. A iniciativa é sempre de Deus, a Igreja é sacramento e continua na história a missão de Jesus. Isto quer dizer que é chamada a assumir e a testemunhar as mesmas atitudes de Jesus. Uma comunidade que faz experiência do amor que impulsiona a anunciar com alegria e por isso é chamada a se envolver, a tomar a iniciativa e a anunciar nos diversos contextos o evangelho, numa atitude de serviço, desafiada a acompanhar a realidade que se apresenta com todas as suas dores e esperanças numa atitude de otimismo e procura fazer frutificar na pluralidade das situações, com a palavra e o testemunho, a proposta do Reino de Deus. Nessa perspectiva, festeja este processo, celebra a liturgia da vida na liturgia eucarística fonte e ápice de toda a vida cristã⁷.

5 CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO (CELAM), Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulus, Paulinas, São Paulo 2007, 33.

6 Ibid., 24.

7 Cf. Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (04 dezembro 1963), n. 10.

Enfim, este é um ano especial para aprofundarmos elementos da teologia missionária nas nossas próprias inspetorias, onde vivemos e trabalhamos. Para que isso aconteça é necessário a criatividade pastoral para atingirmos os vários grupos das nossas inspetorias, levando em consideração os vários contextos onde estamos inseridos. Todo este processo está sendo refletido e amadurecido pelos Delegados Inspetoriais da Animação Missionária (DIAM) em sinergia com os delegados para a Pastoral Juvenil. Agradecemos a todos os salesianos e leigos (as) que se envolveram na reflexão do grupo de trabalho, na elaboração dos artigos, nas traduções e na diagramação do material.

Que este Triênio em preparação aos 150 anos do envio da primeira expedição missionária, em especial neste ano de 2023 que refletiremos sobre a TEOLOGIA MISSIONÁRIA, nos ajude a refletir sobre a missão de forma contextual nos vários ambientes que atuamos para darmos respostas mais coerentes e propositivas aos diferentes desafios que a missão juvenil nos interpela.



P. Sérgio Ramos de Souza, SDB
Coordenador Regional da Animação Missionária - CORAM

O Primeiro Anúncio: atualidade e urgência para a América Latina

P. Alfred Maravilla, SDB

No momento histórico atual, no qual a atividade evangelizadora da Igreja se concentra em suscitar a fé nos não crentes, em reavivá-la em todos os batizados e em reacendê-la entre os que a abandonaram, novamente são valorizadas a atualidade e a urgência do primeiro anúncio. Na verdade trata-se de um novo termo para uma realidade antiga.

• *O Primeiro Anúncio no Novo Testamento*

Dois encontros pessoais de Jesus no Evangelho de João são exemplos maravilhosos do primeiro anúncio. No colóquio com Nicodemos (Jo 3,1-42) é Jesus quem conduz o desenvolvimento do diálogo, ajudando-o a fazer um salto a partir da sua estreiteza mental para o que é totalmente novo e transcendente. Com a simples solicitação de uma bebida, Jesus abre um diálogo com a samaritana (Jo 4,5-42) que não só dissipa o ódio étnico e amplia seus horizontes, mas abre a porta também para entrar em si mesma e enfrentar a verdade que aí se encontra. Transformada, reconhece Jesus como Messias e se transforma em portadora da Boa Nova aos seus compatriotas.

No Areópago (At 17,16-34) São Paulo procurou explicar aos cidadãos de Atenas, da forma mais concisa possível, as características desta nova religião. Utilizou diversas estratégias que lhe permitiram confrontar-se com seus ouvintes e entrar imediatamente em sintonia com eles. Aludiu aos seus

pressupostos filosóficos fundamentais; mostrou uma grande familiaridade com suas significativas tradições literárias e históricas; recorreu à revelação natural quando se tratava de normas universais. Mesmo se muitos o abandonaram quando começou a falar da ressurreição dos mortos, alguns o escutaram e acreditaram em Jesus Cristo.

• *O Primeiro Anúncio nos Documentos Pontifícios*

A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI foi o primeiro documento pontifício a utilizar o termo “primeiro anúncio” dirigido aos que não conhecem Cristo e o seu Evangelho e aos batizados que não vivem sua fé ou a abandonaram (n. 51-53). O primeiro anúncio aparecerá gradualmente em outros documentos papais, embora com nuances diversas. No início de seu pontificado, a exortação *Catechesi Tradendae* (1979) de João Paulo II sublinhava que a catequese se baseia sobre o primeiro anúncio, descrevendo-o como “pregação missionária através do Kerigma para suscitar a fé” (n. 18). Do mesmo modo, em sua encíclica missionária *Redemptoris Missio* (1990), sublinhou o papel central e insubstituível do primeiro anúncio, porque leva a pessoa a entrar numa relação pessoal com Jesus, que abre o caminho para a conversão (n. 44). À luz da *Catechesi Tradendae* n. 19-21 e seguindo o *Diretório Geral para a Catequese* (1997), a exortação pós-sinodal *Ecclesia in Europa* (2003) introduziu uma nova distinção entre “primeiro anúncio” e “anúncio renovado”. O primeiro é usado para referir-se às pessoas não batizadas, enquanto o segundo é usado para se referir aos batizados que não vivem conscientemente a própria fé (n. 46-47).

O Papa Francisco sublinhou a importância do primeiro anúncio na *Evangelii Gaudium* (2013) n. 160, que “convida à formação e ao amadurecimento permanente”. Também suas duas últimas exortações pós-sinodais sublinharam a importância do primeiro anúncio. *Amoris Laetitia* (2016) n. 58 fala da família como ambiente privilegiado do primeiro anúncio, enquanto *Christus Vivit* (2019) n. 210 vê os jovens como agentes do primeiro

anúncio. O novo Diretório para a Catequese (2020), recentemente publicado, distingue três fases e aspectos na primeira etapa da evangelização: em primeiro lugar, o testemunho; em segundo lugar, o primeiro anúncio; em terceiro lugar, o pré-catecumenato que leva a uma primeira resposta e à conversão (n. 33). Historicamente, na América Latina houve uma confusão conceitual entre kerigma e primeiro anúncio. Para muitos o kerigma é o primeiro anúncio e vice-versa. Portanto, é importante esclarecer o que é o primeiro anúncio.

• *O Primeiro Anúncio como acender o fogo*

Gostaria de sublinhar que o primeiro anúncio é, em primeiro lugar, a ação do Espírito Santo que toca as mentes e os corações e que, por sua vez, suscita interesse pela pessoa de Jesus Cristo. Quando usamos um isqueiro ou acendemos um fósforo, comumente acendemos diversas faíscas até chegar à centelha que finalmente acende o fogo. Creio que o primeiro anúncio pode ser como aquela faísca que acende o fogo e abre a porta ao conhecimento da pessoa de Jesus Cristo. Trata-se daquela faísca que encanta, atrai e faz arder o coração, como ocorreu com os discípulos de Emaús.

O primeiro anúncio é o princípio, o fundamento do ato inicial de fé pessoal em Jesus Cristo. Nossa tarefa é a de bater a pedra sílex, enquanto o Espírito é quem faz saltar a faísca decisiva que acende o fogo. Como momento do processo de evangelização, o primeiro anúncio tem uma função decisiva porque estimula o interesse em conhecer a pessoa de Jesus Cristo. Enquanto tal, é o início e o fundamento de uma experiência cristã.

Nesta ótica, o primeiro anúncio não é nem um método, nem uma atividade, nem uma celebração. Nem é planejado ou organizado. Acontece no local, no meio da vida cotidiana ordinária. Assume formas diversas, conforme a cultura, o contexto e o ritmo de vida dos destinatários. Em primeiro lugar é um estilo de vida de cada um dos cristãos, no contexto da vida cotidiana e de toda a comunidade cristã. Portanto, o testemunho de vida de cada cristão

e a imagem institucional e coletiva da Igreja em todos os seus eventos públicos são todas formas do primeiro anúncio ou, infelizmente, um obstáculo para isso.

• *Definição do Primeiro Anúncio*

O adjetivo “primeiro” não deve ser entendido em sentido estritamente linear ou cronológico, como primeiro momento de anúncio, porque na realidade empobrece a sua riqueza. Em vez disso, é “primeiro” no sentido em que o termo *arché* era entendido pelos antigos filósofos gregos como o princípio, ou o elemento fundamental do qual tudo tem sua origem, ou aquele do qual são formadas todas as coisas.

O primeiro anúncio pode ser definido como o testemunho de cada cristão e de toda a comunidade cristã ou qualquer atividade ou grupo de atividades que favoreça uma experiência religiosa arrebatadora e excitante que, através do Espírito Santo, inspire uma procura de Deus e suscite um interesse pela pessoa de Jesus Cristo que, em última análise, leve a uma primeira adesão a Ele ou a uma revitalização da fé nele¹. Antes de tudo é um estilo de vida de cada cristão. Realiza-se em todas as ocasiões, a tempo e fora do tempo (2Tm 4,2), sobretudo nas expressões culturais das dimensões fundamentais da vida humana.

• *A quem é endereçado?*

Por sua natureza, o primeiro anúncio se dirige principalmente (1) aos que não conhecem Jesus Cristo; (2) aos que o conheceram e o abandonaram; (3) aos que creem que o conhecem suficientemente e vivem a fé cristã apenas por rotina; (4) aos que são frágeis e vulneráveis em sua identidade cristã; e (5) aos que estão à procura de alguém ou alguma coisa que perce-

¹ MORLANS, Xavier. *El Primer Anuncio. El Eslabón Perdido* (Madrid : PPC, 2009), 29-31; TYVAERT, Serge. “De la Première Annonce à la Nouvelle Évangélisation,” *Cahiers Internationaux de Théologie Pratique*, n. 10 (2012): 97-99.

bem, mas não sabem dar um nome e aos que vivem uma vida cotidiana sem significado. Definitivamente, o objetivo do primeiro anúncio é o de suscitar nessas pessoas a curiosidade e finalmente o interesse em conhecer a pessoa de Jesus Cristo, que poderia levar a uma primeira adesão ou a uma revitalização da fé nele.

Conseqüentemente, a preocupação principal do primeiro anúncio não é a de proclamar quem é Jesus, como está expresso nas fórmulas cristológicas ou nos catecismos. Sua preocupação principal é antes a de conduzir os outros a descobrir e a deixar-se encantar pela pessoa de Jesus Cristo, que é o único que os conduz à fé. Neste momento o primado não é dado às palavras, mas à experiência que suscita o interesse, não às fórmulas dogmáticas, mas à ação do Espírito Santo. Isto permite que as pessoas sejam envolvidas numa relação profunda e transformadora com Jesus, como foi para Nicodemos, para a Samaritana, e para outros.

Certamente no primeiro anúncio se pressupõe uma compreensão clara da cristologia. Contudo, nem um discurso doutrinal nem uma apresentação argumentativa da fé conseguem suscitar o desejo de um encontro pessoal com Jesus Cristo. Uma apresentação argumentativa procede por dedução progressiva. Está repleta de razões lógicas que poderiam torná-la estranha aos ouvintes que não possuem familiaridade com esta linguagem. Certamente isto terá o seu momento oportuno no processo de iniciação cristã, mas não no primeiro anúncio. Com efeito, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”²

A fé não é o fruto de um programa educativo ou de um estudo científico. É somente o resultado de um encontro com Deus em Jesus Cristo. Por isso é necessário, em primeiro lugar, criar o ambiente, a atmosfera através do contato pessoal e discernir o momento adequado e os meios mais apropriados que podem estimular e favorecer o desejo de conhecer melhor a

2 BENTO XVI. Deus Caritas Est (2005), n. 1.

Jesus Cristo. O testemunho de vida e as relações interpessoais preparam o coração para o anúncio inicial. Estabelecem um tipo de relação como aquela de Jesus no Evangelho. Tornam-se um convite livre e respeitoso para o interlocutor que decide livremente aceitar ou recusar o convite, como demonstra o encontro de Jesus com a samaritana junto ao poço de Jacó (Jo 4,5-42). Portanto o primeiro anúncio fica eficazmente fundamentado, se o caminho de fé seguir uma pedagogia gradual, atenta ao contexto cultura, histórico e social do interlocutor.

• *Quem é envolvido no primeiro anúncio*

Diferentemente do conceito de pré-evangelização, que busca predispor as pessoas a se abrirem ao Evangelho, o primeiro anúncio é muito mais rico e inclusivo porque se concentra sobre quatro atores:

- a pessoa humana, considerando o contexto sociocultural e religioso e os eventos da vida cotidiana ordinária, porque o primeiro anúncio acontece no coração do interlocutor.

- a pessoa do crente cristão, que pratica a fé e vive uma vida cristã empenhada como discípulo missionário. Concentra-se sobre ser um crente cristão, não sobre as qualidades humanas ou sobre ‘técnicas’ para favorecer o primeiro anúncio.

- o encontro pessoal com Deus, que toca o tecido mais íntimo do nosso ser e nos coloca diante do Deus vivo, em absoluta espontaneidade para dialogar, amar e entrar em comunhão pessoal com Deus. Este contato profundo é que faz nascer a fé.

- o Espírito Santo que é o verdadeiro protagonista do primeiro anúncio, e não o cristão, nem o missionário, nem o ‘pregador’. É com a força do Espírito Santo, que “sopra onde quer” (Jo 3,8), que se abre a porta do coração humano, a fim de que o estilo de vida dos cristãos e todas as atividades da comunidade cristã, em todos os tempos e em todos os espaços, suscitem

o interesse pela pessoa de Jesus.

• *A vida cristã como Primeiro Anúncio*

Considerar o cristianismo como ‘estilo’ supera o perigo de reduzi-lo a doutrinas; em vez disso, se concentra sobre a vida cristã inteira, tanto em todas as suas expressões ou em cada uma delas, quanto nas suas expressões relacionais ou sociopolíticas³. Desse modo, viver entre o povo implica, por sua vez, promover um diálogo do coração, um diálogo da vida e um diálogo da ação e olhar para o contexto com o povo à luz do Evangelho para descobrir os sinais dos tempos e desmascarar o que é desumano e fornecer pontes para que as pessoa possam atravessar em direção a uma nova vida⁴.

Assim, um estilo de vida relacional entre povos de diversas culturas, religiões e status sociais, aberto e acolhedor, que aceite o pluralismo como uma oportunidade de enriquecimento recíproco e de colaboração, torna-se um primeiro anúncio. Jesus Cristo não foi anunciado através de abstratas apresentações metafísicas, especulativas ou doutrinárias, mas através de uma relação dialógica. A abertura e a aceitação são os valores fundamentais sobre os quais se baseia a rede de relações e de amizade. Portanto, a vida cotidiana ordinária entre os povos é o lugar do diálogo da vida e da ação e o fundamento sobre o qual se constrói o diálogo teológico e espiritual. Nesta luz, a vida cotidiana é “uma via realmente propedêutica à fé”⁵. Consequentemente, toda a nossa vida e a nossa atividade, independentemente do lugar, é, de fato, e deve ser, um primeiro anúncio. Portanto, independentemente do que fazemos, somos missionários.

3 THEOBALD, Cristoph. “Il Cristianesimo come Stile. Fare Teologia nella Postmodernità,” *Teologia* 32 (2007): 281.

4 SCHOEDER, Roger P. “Proclamation and Interreligious Dialogue as Prophetic Dialogue,” *Missiology: An International Review* 14, 1 (2013): 52-53.

5 JOÃO PAULO II. *Fides at Ratio* (1998), n. 67; THEOBALD, Christoph. *Le Christianisme Comme Style*, vol. 1 (Cerf: Paris, 2007), 125-131, 188-189, 385-387.

• *A prática da caridade como Primeiro Anúncio*

A prática da caridade caminha junto com o estilo de vida crível de cada cristão, da família cristã e da comunidade cristã inteira, quer nas suas expressões singulares no contexto das expressões culturais de momentos importantes da existência humana, quer em todas as suas expressões relacionais ou sociopolíticas na vida cotidiana. O primeiro anúncio se concentra sobre a prática da caridade e sobre o testemunho de vida como meios primários para convidar à fé em Jesus Cristo. Por isso é dada importância ao contato pessoal, à relação interpessoal e ao diálogo que são precedidos, acompanhados e seguidos pela caridade, porque o testemunho da caridade, através da ação do Espírito Santo, inspira, interpela e desafia. Além disso, o anúncio de Cristo é sobretudo um ato de caridade para tornar conhecido o amor de Deus por todos nós.

Assim, os lugares em que estamos empenhados na assistência aos doentes, aos sofredores, aos pobres e aos marginalizados, as nossas universidades, as escolas, os centros de formação, os centros juvenis, as paróquias, o trabalho em favor dos meninos de rua, as obras sociais, as presenças missionárias e as comunicações sociais são contextos propícios para o primeiro anúncio. O perigo é perder de vista que o primeiro anúncio tem que ser o objetivo final da nossa presença. Sem a preocupação prioritária de promover o primeiro anúncio, nossas obras educativas e sociais, as estações missionárias se reduzem a filantropia e nos tornamos simples operários sociais. No entanto, não somos uma ONG, mas homens consagrados, e parceiros leigos na missão, e enviados para tornar Jesus conhecido por todos!

• *O Primeiro Anúncio e Nova Evangelização*

O primeiro anúncio continua ainda válido nos países de maioria cristã? Ao invés, não deveríamos refletir sobre a nova evangelização? Com efeito, é normal pensar que no continente americano o que é verdadeiramente ne-

cessário é a nova evangelização e não o primeiro anúncio.

Contudo, sabemos que no continente americano, onde há também uma forte secularização, um materialismo, um consumismo desenfreado e uma corrupção, onde há um abandono da fé ou onde é vivida como uma ‘rotina’, ou onde muitos filhos crescem em famílias disfuncionais, o primeiro anúncio que uma criança recebe na família muitas vezes não é suficiente para se tornar o fundamento de uma fé forte. O forte processo de secularização em todos os Países trouxe consigo “o perigo da separação entre vida e fé, entre fé e cultura”⁶, sobretudo entre os jovens. Com frequência, muitos jovens são vítimas de violência, enquanto há quem pratique uma ‘espiritualidade’ subjetiva muitas vezes associada à ‘New Age’ (Nova Era), que se concentra sobre si mesmos e sobre a própria integridade, acentuando o sentimento e rejeitando a Igreja como ‘religião institucional’.

Não é raro que muitos jovens que frequentam as aulas de ensino religioso em nossas escolas e a catequese em nossas paróquias e os adultos que vêm à Eucaristia dominical não tenham escolhido conscientemente ser católicos nem tenham tomado a decisão de viver uma vida cristã comprometida. Deste modo, praticam sua fé como algo cultural, enquanto outros continuam a ter crenças e prática supersticiosas que mostram um sincretismo prático das suas religiões tradicionais e de sua fé cristã. Neste contexto, sem um primeiro anúncio que leve a uma primeira conversão e a uma primeira fé pessoal, a catequese corre o risco de ser estéril. Assim, depois de muitos anos, uma vez concluídos os estudos em nossas escolas ou o envolvimento ativo em nossos oratórios, conclui-se também a prática da fé. Na realidade, o primeiro anúncio é o início de uma nova evangelização. Sem o primeiro anúncio, não pode haver uma nova evangelização.

• *A Piedade Popular e o Primeiro Anúncio*

A expressão “piedade popular” se refere a diversas expressões espon-

6 CIVILIZACIÓN del Amor. Proyecto y Misión (Documento de Santo Domingo) Documento CELAM, n. 137 (Bogotá: CELAM, 2013), n. 137.

tâneas, particulares ou comunitárias, da fé cristã como resposta ao Evangelho (através do uso de símbolos, em vez de conceitos teológicos) que são inspirados prevalentemente não pela Sagrada Liturgia, mas por uma cultura particular de uma nação ou de um povo⁷. O Documento de Aparecida oferece exemplos específicos de piedade popular no contexto latino-americano, entre os quais “as festas patronais, as novenas, os rosários e as Vias-Sacras, as procissões e as danças e os cânticos do folclore religioso, o carinho aos santos e aos anjos, as promessas, as orações em família”⁸.

O Papa João Paulo II explica que a piedade popular é um “tesouro do povo de Deus”⁹ que “se encarna na cultura dos simples¹⁰ porque costumeiramente nasce entre os pobres e marginalizados. Todavia, é o principal meio de troca de tesouros culturais entre o cristianismo e a nova cultura evangelizada. Sendo “popular”, com frequência se mistura com as crenças supersticiosas das religiões tradicionais. De fato, algumas formas de piedade popular podem ser aproveitadas por aquele que as vê como uma oportunidade de lucro econômico ou de exercício do poder sobre as pessoas e não como o bem espiritual da pessoa e da comunidade. Isto pode ocorrer sobretudo quando as formas de piedade vêm acompanhadas de pretensões inautênticas de revelação particular. A piedade popular é, portanto, rica e vulnerável, mas frequentemente tem necessidade de ser purificada¹¹.

Do ponto de vista do primeiro anúncio, é importante tomar iniciativas concretas a fim de que as expressões de piedade popular se transformem em meios para um encontro pessoal com Jesus Cristo e uma resposta comunitária a autênticas necessidades espirituais das pessoas. Através do primeiro anúncio, as expressões de piedade popular se tornam um catalisador para purificar as culturas das distorções e das deformações. Como o Papa Francisco insistiu recentemente: “Não é autêntica uma celebração que não evangeliza, assim como não é autêntica uma proclamação que não conduz

7 CONGREGAZIONE PER IL CULTO DIVINO. *Direttorio sulla pietà popolare e la liturgia* (Vaticano: LEV, 2001), n. 9.

8 CELAM. *Documento de Aparecida* (2007), 259.

9 *Direttorio sulla pietà popolare e la liturgia*, n. 9.

10 FRANCISCO, *Evangelii Gaudium* (2013), n. 124.

11 FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, n. 70; PAOLO VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975), n. 48.

ao encontro com o Ressuscitado na celebração. E então ambos, sem o testemunho de caridade, são como soar um gongo barulhento ou um címbalo que retine. (1Cor 13,1)”¹². Isto vale para as culturas católicas de longa data, para as culturas secularizadas e para as culturas tradicionais dos novos evangelizados.¹³

Do ponto de vista do primeiro anúncio, é importante levar a sério a religiosidade popular para conduzi-la à maturidade, favorecendo um contato mais direto com a Escritura, encorajando os devotos a aproximarem-se frequentemente dos sacramentos, especialmente participando da Eucaristia dominical, e através de uma maior expressão de amor e serviço aos outros¹⁴. Através destas iniciativas, as expressões de piedade popular tornam-se meios para um encontro pessoal com Jesus Cristo e uma resposta comunitária às autênticas necessidades espirituais humanas. Dessa forma, elas se tornam um catalisador para purificar as culturas de distorções e deformações. Isso vale para as culturas católicas de longa data, para as culturas secularizadas e para as culturas tradicionais dos recém-evangelizados¹⁵.

Para refletir e Partilhar

**Que novas intuições eu consegui a respeito do primeiro anúncio?
Como posso promover o primeiro anúncio no meu contexto?**

12 FRANCISCO. Carta Apostólica ‘Desiderio desideravi’ (2022) n. 37.

13 FRANCISCO. Evangelii Gaudium, n. 69.

14 Evangelii Nuntiandi, n. 48, Documento de Aparecida, 43.

15 FRANCISCO. Evangelii Gaudium, N. 69.

A dimensão bíblica no mandato missionário: quando a bíblia vibra e dá vida

Heriberto Cabrera Reyes, SDB



Dizem que quando dois rabinos se encontram para conversar sobre o Talmude, o que resulta desta discussão é algo novo. Quando dois cristãos se sentam para dialogar sobre a bíblia, buscam saber quem tem razão e costumam terminar em briga.

Esta pequena história é uma representação caricaturesca sobre o modo pelo qual poderíamos nos aproximar da bíblia: com nossos preconceitos, em busca de uma justificação ou legitimação até ideológica do que nós pretendemos saber a respeito de Deus. Haverá outro caminho?

• *A bíblia, “norma normans non normata”¹*

Aprendemos que a Palavra de Deus deveria ser considerada como a referência maior na vida de todo crente, visto que ela nos dá os critérios de todo discernimento, ensinando-nos para onde ir e o modo evangélico de percorrer este itinerário pessoal e, muitas vezes, comunitário (eclesial).

A dimensão bíblica que acompanha a vida do crente em seus diferentes níveis nos impede de perder a identidade, de perder o “norte”, isto é, a orientação em direção ao projeto original que Jesus tem para cada um de nós e para nossas comunidades.

1 “A norma que rege, não uma norma que é regida”.

• *O mandato missionário*

O texto de Mateus 28,10-20 que, frequentemente, se define como “o” mandato missionário, nos introduz no tema deste artigo: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos”. Nestes poucos versículos temos uma síntese extraordinária da missão. Em primeiro lugar, nos recorda que o missionário² é um enviado, ninguém confere a missão a si mesmo. O mandato consistirá em fazer discípulos e, depois, em dar os sacramentos (sacramentalização). Excelente equilíbrio daquilo que deveria ser um processo pastoral, inclusive em nosso tempo. Cuidado para não inverter a ordem! Lamentavelmente ainda há comunidades que funcionam apenas com a sacramentalização (ou insistindo demasiadamente sobre ela), entendida como uma maneira de evangelizar.

A dimensão trinitária aparece no texto: Pai, Filho e Espírito Santo, juntamente com a dimensão cognitiva: “ensinar”, porque, como posso pretender amar o que não conheço? Acrescenta-se ainda a prática: “guardar”; a isto poderíamos chamar o aspecto moral de toda a vida do crente.

• *Uma palavra que nos transforma*

A Palavra de Deus é como o bastão de “trekking” (ou trilha), que acompanha o missionário no decorrer de toda a vida, garantindo seu caminho. A Palavra também é como uma bússola que indica o norte ou a direção. Quero recordar que os primeiros cristãos foram chamados os discípulos do caminho (At 9,2; 18,25; 19,9). Assim equipado, o discípulo se sente um peregrino, consolado em suas dificuldades (Salmo 91) e capaz de louvar quando as coisas vão bem (Salmo 1). Ao menos este é o ideal, porque o encontro com a Palavra nem sempre é sereno e, como todo caminho, não está isento de riscos.

² O masculino é utilizado apenas para facilitar a leitura, sem nenhuma intenção de discriminação de gênero.

• *Os riscos do encontro com a Palavra*

Pensar a vida como uma peregrinação significa ter em conta os perigos. Estes podem tomar a forma de uma distração, de uma má interpretação do caminho, como, por exemplo, quando alguém lê a Palavra de Deus pensando nos outros e não como palavra dirigida a si mesmo.

À primeira vista, aproximar-se da Palavra parece relativamente fácil; alguém poderia pensar que basta ter uma bíblia. Contudo, sabemos que atualmente muitos possuem uma bíblia e não a leem. Por vezes o fazem, mas ao lê-la não chegam ao que diz o texto, mas apenas ao que eles projetam sobre ele. Não costumam dar o tempo necessário para deixar que a Palavra ressoe em si mesmos; eles a interpretam conforme suas conveniências.

Para entender o que Deus nos quer dizer é preciso um mínimo de atenção e de tempo. O contrário costuma chamar-se “presentismo”, ou seja, crer que “Deus continua falando por seu Espírito ao coração de cada fiel, não havendo necessidade dos recursos da exegese para entender melhor o que foi o processo de elaboração do texto bíblico”³. Não se pode negar que o ponto de partida é bom: Deus me fala hoje; porém, sem contexto e pouco senso crítico, pode-se cair numa “leitura fundamentalista” ou “literal”. Isto apresenta um problema. Na realidade tanto o presentismo como o fundamentalismo, sob o pretexto da simplicidade e literalidade, não escutam o que o texto quer dizer. Deste modo, atraíam uma mensagem que precisa ser interpretada.

Outro risco é a articulação desequilibrada da Palavra. Ocorre quando se omitem textos e não se levam em conta o Antigo ou o Novo Testamento. Também se observa quando se insiste demasiadamente num texto (primeiro texto), esquecendo outros quer seja por ignorância, quer seja porque incomodam, quer porque dizem o contrário do que afirma o primeiro texto escolhido.

3 G. DE MORI e outros. “La Biblia en algunas prácticas pastorales de la Iglesia católica en América Latina», en F. MOOG (dir.) “Recherches en théologie des pratiques pastorales II: La Bible en théologie des pratiques » (Cahiers Internationaux de théologie pratique, 2020, Acte/17) 163.

Enfim, também o crente pode esconder-se sob uma interpretação demasiadamente teórica, a ponto de tornar impossível toda síntese ou aplicação à própria vida.

• *Avançar para boas práticas interpretativas*

Parece-me que não devemos ver os textos bíblicos apenas como respostas às perguntas que nossas experiências nos apresentam. A bíblia não deveria converter-se numa caixinha mágica de respostas.

O desafio da relação entre missão e Palavra de Deus consiste em identificar nos relatos contemporâneos de nossas existências e nos textos bíblicos aqueles jogos de perguntas e respostas, dando especial atenção às tensões que se encontram nestas duas realidades (as nossas e das da Palavra de Deus), procurando identificar correlações possíveis de maneira crítica⁴. Isto não é somente fruto da inteligência; por isso me parece fundamental fazê-lo de forma pessoal e comunitária, em clima de oração e discernimento, sempre acompanhados pelo Espírito Santo.

Por outro lado, não se deve temer a pluralidade de interpretações e pontos de vista; eles são necessários e nos fazem ver como a interpretação é sempre viva. Por isso a Palavra continuará a dar sentido à vida dos crentes em contextos e tempos muito diferentes.

• *Quando a Palavra vibra e ressoa em nós*

Há um conceito muito sugestivo quando se fala da relação com a Palavra de Deus. Trata-se do conceito de vibração ou ressonância. Seu conteúdo faz referência à possibilidade que a Palavra tem de continuar revelando algo de Deus em nossa vida atual.

⁴ Ver E. GRIEU. “El recurso a la biblia en teología práctica”, en F. MOOG (dir.) “Recherches en théologie des pratiques pastorales II: La Bible en théologie des pratiques » (Cahiers Internationaux de théologie pratique, 2020, Acte/17) 254.

Esta metáfora, tomada da acústica e da física, foi desenvolvida pelo jesuíta Étienne Grieu. Através desta imagem se mostra como alguém pode surpreender-se por suas próprias palavras. Em outros termos, é no encontro entre a vibração contida no texto e a vibração do leitor que pode produzir-se nele esta “magia” da ressonância. Para que ocorra isso, é preciso deixar falar as palavras pronunciadas em nós mesmos.

Paradoxalmente, para poder escutar o que Deus nos quer dizer, temos que escutar uma partitura com dois pentagramas, uma espécie de polifonia a duas vozes: as expressões de nossos contemporâneos e as dos textos bíblicos.

As vibrações ou ressonâncias são sugestivas, como quando numa música tocada um instrumento deixa de fazê-lo, preenchendo o espaço durante e depois que o instrumento tenha sido executado. A ideia é que o instrumento não somente soe, mas que ressoe. A ideia é que a Palavra não somente fale, mas que produza eco, que fale em e a partir de nós. É claro que esta pode parecer uma visão demasiado poética do contato com a Palavra. Porém, lembro que já para Aristóteles a “poïesis” (poesia) implicava a produção, criação, trabalho de artesãos, como o esquiatar ou nadar fazem parte de um saber-fazer, do tipo “poïesis”. Surpreendente, não é verdade?

Para poder fazer isto, aconselho a utilizar uma mesma pergunta dirigida a estas duas fontes: a vida e a Palavra. Trata-se de uma escuta relacional, que nos leva a discernir a experiência das pessoas e a Palavra.

Por isso, me atrevo a afirmar que não temos que buscar nos textos bíblicos as respostas de nossas experiências, como propunha Paul Tillich⁵, mas identificar nos relatos contemporâneos e nos textos bíblicos os jogos de perguntas e respostas com suas tensões e correlações possíveis, tendo como critério duas coisas: que tenham sentido e que nos deem vida.

5 Ver A. JOIN-LAMBERT. *Entrer en théologie pratique* (Presses universitaires de Louvain, Belgique 2019). 41-45.

• *Deixar-se incomodar pelo texto*

A exegese e os estudos bíblicos devem muito aos irmãos protestantes⁶. Atualmente este trabalho sério de interpretação é algo que se faz em muitas partes. Contudo, quando se desenvolve um trabalho demasiadamente técnico, corre-se o risco de desintegrar o texto⁷. Parece-me que é preciso evitar este extremo e deixar-se incomodar, deixar-se testar pelo texto para ler de verdade. Ler palavra por palavra é o único caminho para escutar algo novo, sem projetar nossas ideias preconcebidas. É difícil porque cremos conhecer as histórias.

Não precisamos domesticar ou suavizar as escrituras. É preciso aceitá-las, inclusive com suas contradições, como, por exemplo, quando se diz que o Reino de Deus é semelhante a dez virgens, se estará afirmando que o Reino de Deus é composto de “sábias e ignorantes” porque ambas fazem parte dele?

• *Interpretação vivificante*

Mencionei anteriormente a interpretação vivificante, palavra de uso raro, que significa aderir a uma leitura que dê vida.

A hermenêutica (interpretação) contemporânea nos mostrou que o texto bíblico está disponível para que, em cada momento da história, a comunidade crente se aproprie dele; ao interpretá-lo, o atualize, e, atualizando-o, dê sentido à cultura do nosso tempo.

Por isso deveríamos optar por uma interpretação vivificante (que dê vida), renunciando a uma interpretação destruidora da referência bíblica, da tradição e das pessoas.

Vivificante não significa falar apenas do que é positivo e deixar de

6 Cf., J. BARTON. La interpretación bíblica, hoy (Sal Terrae, Santander 2001) 173.

7 Ver: <https://es.zenit.org/2009/10/26/benedicto-xvi-y-biblia-metodo-historico-critico-si-pero-desde-el-magisterio/> RATZINGER, J. Jesús de Nazaret. Del Ingreso a Jerusalén a la Resurrección (2007) fala do esgotamento do método histórico crítico.

apagar a mecha que ainda fume (Mt 12,20), mas sim buscar uma interpretação que ajude a avançar e entusiasmar, mais do que a desanimar e culpabilizar a vida.

Não faltam fatos na história do cristianismo em que o anúncio e a defesa do evangelho se converteram, praticamente, em más notícias para milhares de pessoas. Deveríamos falar aqui, entre outras, dos acobertamentos e abusos de todo tipo. Lamentavelmente a bíblia foi usada em muitos casos para justificar ideologicamente a destruição e até crimes.

Ousar apresentar critérios para uma hermenêutica vivificante é posicionar-se no vasto campo dos debates sobre a interpretação. Mais particularmente, se trata de tomar uma posição sobre o que é essencial em qualquer discurso pastoral. Por isso, inspirando-me em Jena-Marc Gauthier e no Papa Francisco, me permito apresentar três critérios para esta hermenêutica:

- Escolher a vida. Escolher a vida não é deixar de ver os dramas que estão sendo representados ou até as mortes pairando nos acontecimentos e textos bíblicos; é buscar os meios para resistir a transformar os acontecimentos e os textos em questão em armas que matam e condenam. Isto significa ler os textos em seu conjunto. É desconfiar de interpretações simplistas ou que justificam aquilo que alguém pensa (ideologia). É começar por escutar o texto e não projetar nele nossas ideias preconcebidas.

- Tomar partido em favor das vítimas, das “periferias existenciais”, isto é, dos grupos excluídos por razões econômicas, sociais, étnicas e religiosas (divorciados, LGBTQ+ e outros). É esforçar-se para olhar desde o ponto de vista da exclusão da qual eles podem sentir-se parte. É aceitar ler a bíblia com os olhos dos vencidos da história, mais do que pela globalização, pelo moralismo e pela economia de mercado, ao invés de vê-la com os olhos dos vencedores, dos que estão regulares, dos que parecem obter êxito.

- Resistência à indecência teológica. Isto significa renunciar e denunciar qualquer discurso que venha a justificar um Deus que apoie o clericalismo, a exclusão e os abusos. Enfim, resistir a qualquer utilização ideológica

da bíblia.

Ler a bíblia significa correr riscos. O mais importante, pelo que parece, é que Deus nos fale e nos faça “vibrar” como nunca o havíamos feito.

A interpretação vivificante é uma aposta por uma leitura polifônica da experiência crente, a fim de produzir harmonia ou sentido, com dois participantes: a bíblia e a própria existência.

O trabalho com a bíblia não deve ser solitário; de alguma forma a comunidade deve participar nesta partilha, agregando não apenas ressonâncias, mas também timbres e matizes, que uma única pessoa jamais conseguiria obter.

Enfim, é preciso não esquecer que o diretor da orquestra será o Espírito Santo, que saberá dosar a intensidade da participação de cada um de nós, desde que tenhamos os olhos fixos nele e o coração na melodia.

O Discípulo Missionário a Serviço da Vida

Diác. Josemar Abel, SDB, Diác. Ivan Alves, SDB e P. Antonio João Neto, SDB



• *Ação evangelizadora como sinal de esperança*

Diante de um mundo bastante secularizado, onde o lugar de Deus, em muitos casos, não constitui a espiritualidade da pessoa, surge a seguinte pergunta: como podemos ser discípulos-missionários de Jesus Cristo e levar a boa nova para todos? Mesmo sabendo que, às vezes, faltam incentivos para esta ação missionária, podemos partir do evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas que afirma: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres” (Lc 4,18). Citando uma leitura do antigo testamento retirada do livro do profeta Isaías, Jesus faz o seu convite missionário apresentando o verdadeiro sentido da sua missão evangelizadora: anunciar o evangelho aos marginalizados.

Jesus Cristo é verdadeiramente o protagonista da missão designada pelo Pai. Com isso, os seus seguidores não podem aprisionar-se em ações missionárias engessadas em paradigmas pessoais. Aqueles que querem seguir os seus ensinamentos, são convidados a proclamar a misericórdia, libertar os cativos, evangelizar e ser sinais de esperanças diante dos sofrimentos da vida. O Espírito Santo não pode ser entendido como algum objeto descartável que usamos e depois se joga fora, mas temos que compreendê-lo como O dom que não pode ser guardado, mas comunicado. Pois, como afirma Paulo em sua Carta aos Coríntios: “Ele nos ungiu, nos selou como sua propriedade e pôs o seu Espírito em nossos corações...” (2Cor 1,21-22).

O anúncio missionário embarca três dimensões: Jesus Cristo, a Igreja

e o mundo. Pois, ao seguir Jesus Cristo e o seu evangelho deve-se suscitar no cristão batizado o testemunho de uma Igreja que está em movimento, ou seja, presente na periferia existencial do mundo. A comunidade de fé é convidada a “ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Ela não pode ficar estagnada, mas ir ao encontro daqueles que mais precisam. Ter consigo os sentimentos do Bom Pastor (Jo 10,11-18), o cuidado do samaritano (Lc 10,25-37) e a alegria da mulher quando encontra a moeda perdida (Lc 15,9). Legado este deixado pelo próprio Cristo para os seus discípulos e principalmente para nós, seus seguidores, que traduzimos as suas palavras em práticas pastorais diariamente.

Já no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo segundo, o relato de Pentecostes, apresenta uma espécie de síntese da ação evangelizadora e missionária da Igreja. Pois, mesmo com as inúmeras diferenças que existem entre os seus membros a linguagem do amor e da caridade comunica a unidade da Igreja. Esta comunicação suscita no missionário a força e a perseverança no caminho de Cristo.

Portanto, viver a missão de Cristo significa “ser luz” (Mt 5,14), pois se formos luzes para outros seremos sinais de esperança diante da vida. Com o anúncio da boa notícia testemunhada pelo próprio Cristo, iluminamos as dores e tristezas do nosso tempo. Assim, o Espírito Santo recebido pelo sacramento do batismo, deve ser o nosso maior impulso missionário, pois a ação de anunciar o evangelho de Cristo, resulta no combate às inúmeras questões de desigualdades sociais existentes na sociedade.

• O discípulo missionário a serviço da vida: o Magistério Pós-Vaticano II e os Documentos do Papa Francisco

Desde a realização do Concílio Vaticano II (1962 – 1965), a Igreja tem sistematizado, cada vez mais, os elementos que norteiam a missão e o serviço próprio do missionário em cada realidade. Neste aspecto, o Vaticano II enfatizou alguns elementos primordiais para a vivência de uma experiência

propriamente missionária que esteja fundamentalmente ligada mais aos valores evangélicos do que ao proselitismo.

O decreto Ad Gentes (AG) (1965) é o ponto de partida para uma atualização da presença missionária da Igreja. Já no primeiro capítulo os padres conciliares deixaram expresso que: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo”¹, ou seja, a missão não é simples escolha ou uma prioridade assumida de tempos em tempos, ela está no DNA da Igreja.

O impulso provocado pelo Vaticano II e a chamada de atenção dirigida a toda a Igreja para que se entenda a missão como um mergulho na vida e no contexto do próximo, ressoam fortemente na vivência eclesial da América Latina. Tanto que todos os documentos desde Medellín (1968), passando por Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), sempre salientam que a vivência da Igreja precisa obrigatoriamente ser missionária e abraçar um modo “samaritano” de vida.

Em todas as conferências e documentos subsequentes, especialmente os da América Latina, é ressaltado um princípio norteador para a atividade missionária e a vida eclesial, a Igreja tem como prioridade os pobres e os jovens. Isso ressoa fortemente no coração do clero e da maioria do povo de Deus. Não obstante, não são poucos os entraves que a Igreja vive ao assumir esse compromisso de missão junto aos mais necessitados, uma vez que existe sempre uma porção que prefere que o Corpo Místico de Cristo exista na condição de mero espectador da história e da vida.

Os pontificados subsequentes ao Vaticano II insistem fortemente no caráter intrínseco da missão na Igreja. De Paulo VI até Bento XVI temos falas constantes a respeito da necessidade de uma Igreja imersa nas realidades onde ela deve anunciar o Evangelho. Um destaque especial para a encíclica *Redemptoris Missio* (RM) (1990) do Papa João Paulo II, que ao aprofundar a temática missionária fala que “para além do mandato formal do Senhor, (a missão) deriva ainda da profunda exigência da vida de Deus em nós.”²

Com o início do pontificado de Francisco (2013) notamos um apelo cada vez maior desses elementos. Dois documentos são fundamentais para

1 AG 2

2 RM, 11

entendermos a visão de Francisco a respeito da correlação entre missão e serviço em defesa da vida. O primeiro deles, que pode ser entendido como uma carta norteadora do papado de Francisco, é a *Evangelii Gaudium* (EG) (2013). Na EG Francisco insiste na necessidade de a Igreja ir ao encontro dos excluídos e abandonados que estão nas periferias geográficas e existenciais e denuncia “uma economia que mata”³, é precisamente aqui que podemos nos perguntar a razão de se falar de economia em um documento voltado a missiologia. Bem, a razão é que a Igreja não pode permanecer apática diante dos destinatários da evangelização e as situações de miséria e exclusão a que são submetidos. Não existe dissonância entre evangelização e defesa da pessoa, por isso, toda forma de promoção de miséria, exclusão, discriminação, preconceito e marginalização não pode coexistir com a pregação da Boa Nova libertadora.

Isso nos leva ao segundo documento fundamental para entendermos Francisco e o magistério, a *Laudato Si'* (LS) (2015), que à primeira vista pode parecer uma encíclica voltada exclusivamente ao ambientalismo (quando entendido de modo reducionista como cuidado apenas para com a natureza), mas, que na verdade é um documento focado na relação entre evangelização, cuidado integral da pessoa e presença efetiva da Igreja na sociedade. A LS constitui uma contundente denúncia e, portanto, um ato profético, de que a Igreja, enquanto “Sacramento de salvação”⁴ não pode permanecer omissa diante das situações de morte e injustiça.

Por fim, todo o magistério da Igreja, especialmente o desenvolvido desde o Vaticano II, aponta para o mesmo caminho, a vida missionária, a opção pelos pobres e a defesa da vida não são modas ou opções sociológicas da Igreja, mas estão presentes na constituição mais profunda da comunidade dos batizados. Ser uma Igreja Samaritana não é apenas um recorte ou uma possibilidade do modo de ser partícipes do Corpo do Senhor, mas é o único caminho possível para a vivência plena do Evangelho e dos valores cristãos presentes desde a Igreja primitiva, não existe cristão sem cuidado e atitudes de salvação pela integralidade do outro.

3 EG, 53

4 *Lumen Gentium* 1

• *A Missão Salesiana em chave Teológica*

Todos nós que compomos a Família Salesiana, a partir de nossas realidades locais, também somos incluídos no chamado de discípulos-missionários de Cristo. Por isso, precisamos observar algumas setas que nos orientam em nossa missão, além do que já nos foi apresentado acima.

Na leitura atenta da Sagrada Escritura, em especial dos evangelhos, observamos as ações de Jesus, seus critérios, suas opções. Examinado tudo isso a respeito dEle e auxiliados pelo ensino da Igreja (Magistério), recebemos bons elementos para tomar nossa parte na missão. Mas o que nos fará viver (além de ter consciência) na perspectiva da ação salvadora de Jesus, é o encontro com Ele mesmo. E o fazemos tornando a leitura bíblica um momento de oração, meditação e confronto com nossa vida eclesial e pessoal. A experiência de oração (enquanto diálogo amoroso, aberto e franco) com o Cristo-Palavra, vai nos abrir à profunda experiência vocacional missionária que tantos dos nossos irmãos Salesianos já viveram e nos transmitiram em seus testemunhos de vida.

Dom Bosco tinha a peito o que chamamos de “ardor missionário”, que, em outras palavras, podemos dizer “Caridade Pastoral”. Isso foi comunicado aos seus salesianos e compreendido por eles, tanto que, assimilando essa Caridade Pastoral própria de Dom Bosco, estenderam o Carisma Salesiano como estilo de missão nas terras latino-americanas, adaptando o projeto educativo-pastoral aos sinais dos tempos e das culturas por onde chegavam. E, a partir do que aprendiam enquanto missão da Igreja, os salesianos foram desenvolvendo seu caminho missionário, sempre como atentos continuadores do que viveram junto a Dom Bosco, experimentando assim, uma verdadeira ‘escola do carisma salesiano’.

Hoje, a realidade teológico-missionária da Igreja aponta para alguns elementos importantes como: acompanhar, aprofundar critérios, iluminar. Em âmbito salesiano, ou seja, dentro das características próprias do nosso carisma, observar esses elementos é um exercício muito valioso para nós.

É fato: não podemos acessar as juventudes se não as acompanharmos, se não estivermos atentos ao que elas nos apresentam enquanto principais marcadores. Pois o que vamos comunicar se não sabemos para quem, exatamente e como? Quais são os apelos feitos pelas realidades juvenis com as

quais nos encontramos nos Centros juvenis, Oratórios, Paróquias, Escolas e Redes Sociais Digitais? Além do mais, quais outras realidades estão esperando por Cristo, carentes do Evangelho da vida? Ao estar com os jovens e suas famílias nessas tantas realidades, como as estamos acompanhando? Convivemos com elas, animamos e formamos comunidades?

Aprofundar critérios é mais um dos elementos que precisamos refletir para desenvolver missão. Quais são os critérios? Tanto os próprios critérios missionários preditos hoje pelo Magistério da Igreja (em especial o Concílio Vaticano II, ecoados e desenvolvidos pelo Documento de Aparecida e pelo Papa Francisco), quanto os próprios do Carisma Salesiano.

Podemos condensá-los como sendo uma atualizada proposta de vida em abundância para todos os jovens e suas famílias, em especial os de realidades mais pobres e conflituosas, proporcionando salvação integral da pessoa. Mas esse critério, dentre outros que possam surgir, podem exigir renovadas atitudes e caminhos, a partir de cada contexto social, econômico, religioso, cultural. Quando aprofundamos esses critérios, devemos atualizar – se necessário – e ambientar cada um deles a partir da realidade que se apresenta a nós.

Só a partir daí vamos iluminar (esse como mais um elemento importante da missão eclesial) a vida dos jovens e suas famílias com o Evangelho de Cristo para serem qual realização do sonho de Dom Bosco, um rebanho santo de bons cristãos e honestos cidadãos. Não podemos esquecer do valioso instrumento de trabalho para que essa luz seja acendida na vida dos jovens: o Sistema Preventivo de Dom Bosco. Tal instrumento é o melhor que temos para realizar a proposta missionária que nos foi feita desde o famoso e fundante “sonho dos nove anos”.

Os 150 anos de missão no continente latino-americano nos dizem muito. Falam para nós do quanto trilhamos como irmãos e o quanto podemos testemunhar historicamente. Além de nos fazer olhar para o passado, temos aí setas nos orientando um futuro que é desafiador, por isso mesmo, urgente, que pede renovado impulso missionário, fundamentado no carisma que o Espírito Santo derrama em nossa Família Salesiana: DA MIHI ANIMAS CAETERA TOLLE.

A Dimensão Missionária da Pastoral Juvenil Salesiana

Lorena Basualto e César González

O texto apresentado a seguir tem como objetivo contribuir para a animação missionária da Pastoral Juvenil (PJ) nas diversas obras salesiana da América Latina.

O texto apresentado a seguir tem como objetivo contribuir para a animação missionária da Pastoral Juvenil (PJ) nas diversas obras salesianas da América Latina. Para alcançar este propósito serão desenvolvidos três temas. O primeiro, como introdução, se refere a algumas considerações da missão a partir do carisma salesiano; em segundo lugar, se trata o tema da dimensão missionária da PJ voltada para o mundo da juventude popular; em terceiro lugar se desenvolve o item sobre a dimensão missionária da PJ, que preconiza outros tempos e ritmos; e, por último, se conclui com a dimensão missionária da PJ que preconiza outros tempos e ritmos.

• *Algumas considerações da missão a partir do carisma salesiano*

O Quadro de Referência da Pastoral Juvenil Salesiana afirma que “a Igreja é essencialmente missionária e leva o anúncio de Cristo a todos os povos e culturas”¹. Certamente o carisma salesiano participa da missão universal da Igreja, tanto como experiência do Espírito como também um dom de Deus para a humanidade, através de Dom Bosco. A especificidade do carisma são os jovens e, preferencialmente, os mais pobres, abandonados e em perigo, isto é, afastados de Deus e marginalizados pela comunidade

1 Dicastério para a Pastoral Juvenil. A Pastoral Juvenil Salesiana: quadro de referência. 3. ed. (Roma: SDB, 2014), p. 46.

humana².

Pois bem, hoje as missões não podem ser entendidas apenas em termos geográficos, de movimento em direção a terras de missão, como em outros tempos, mas sim em termos sociológicos e culturais, além de considerar o desafio evangelizador que nos apresenta o continente digital. Como salesianos, somos verdadeiros missionários dos jovens e a juventude é nossa terra de missão. Vivemos todos o espírito missionário de Dom Bosco, como coração da caridade pastoral que se manifesta no “coração oratoriano”, no fervor, no impulso e na capacidade de diálogo intercultural e inter-religioso. É a paixão para evangelizar, sobretudo os jovens, e a disponibilidade para ser enviados para onde seja necessário, manifestada pela expressão “ci vado io” (“eu vou”), considerada pelo P. Alberto Caviglia como o “slogan salesiano”³.

• *A dimensão missionária da PJ voltada para o mundo da juventude popular*

O capítulo geral XXVIII afirma que

O magistério profético do Papa Francisco está ajudando a Igreja a cada vez mais tomar consciência de que a distância dos pobres atraiçoa o Evangelho e gera numerosas enfermidades na comunidade cristã. Nós também sentimos a necessidade de nos aprofundarmos na interpretação do tempo em que vivemos, até reconhecer que os fenômenos sociais e os desafios espirituais, os apelos dos jovens e as moções do Espírito estão estreitamente vinculados, sem nenhuma possibilidade de divergência. Esta foi a experiência de Dom Bosco, que lhe permitiu responder às necessidades mais urgentes de seus meninos e fazê-los sentir a ternura de Deus que aquece o coração e infunde esperança. Onde ocorre isto, também hoje, com um compromisso generoso e criatividade pastoral, vemos um verdadeiro florescimento do carisma⁴.

2 Id., ib., cf. p. 46.

3 MARAVILLA, Alfred. La vocación misionera salesiana: reflexiones, procesos y orientaciones operativas. (Roma, 4 de abril, 2021).

4 CAPÍTULO GERAL XXVIII. ¿Quais salesianos para os jovens de hoje? Primeiro Núcleo. N° 8 (2020).

Hoje em dia, a dimensão missionária da PJ salesiana se sente refletida na pastoral popular juvenil (PPJ), proposta pelo Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Christus vivit*⁵. A PPJ pode ser entendida como uma pastoral para todos os jovens, sem discriminação, visto que muitos cresceram numa cultura de indiferença religiosa e em condições de pobreza. Importa chegar aos que se sentem distantes da sociedade, da Igreja, de si mesmos e de Deus⁶. São muitos pré-adolescentes e adolescentes jovens que abandonaram a escola e cujas famílias estão também desagregadas e, em várias ocasiões, também em conflito com a justiça.

Desta forma, a PJ salesiana é chamada a reafirmar sua presença entre os novos rostos de jovens excluídos e descartados socialmente e que constituem atualmente grandes grupos socialmente localizáveis nas grandes cidades e povoados de nosso continente. Por isso, a dimensão missionária da PJ salesiana se apresenta como uma oportunidade de ir a estes novos destinatários que não se movem nos ambientes em que a Igreja e o mundo salesiano costumam estar. Este aspecto nos chama a entrar em sintonia com uma Igreja em saída; estabelecer uma presença em meio àqueles jovens em risco que poderiam denominar-se para-institucionais⁷, porque seus modos de vida são marginais à cultura difundida pelas instituições formais de socialização. Trata-se de um grande segmento de jovens em condições de pobreza que não participam das instituições socializadoras criadas pelo Estado ou pela sociedade civil, e que configuram dinâmicas sociais “paralelas” ou “compensatórias” diante da ausência e limitações de participação nas vias formais (família, educação, trabalho). Seria importante perguntar se esta situação é análoga àquela que Dom Bosco viveu em sua origem, visto que cada geração de cristãos tem necessidade de responder aos desafios de sua

5 Francisco. *Christus vivit*, (Santiago: PUC, 2019) 230-238. Com relação à contribuição da *Christus vivit* para a Pastoral Juvenil, revisar: (2019). GONZÁLEZ, César – BASUALTO, Lorena. “*Christus vivit*: un nuevo impulso para la pastoral juvenil latinoamericana”, *Anales de Teología* 21/1, p. 81-108.

6 “A opção preferencial pelos jovens, sobretudo pelos mais pobres, leva-nos aos ambientes populares em que eles vivem (cf. Const. 29). Nos ambientes populares somos chamados a levar o espírito de família e de compreensão com o contato cotidiano da nossa ação apostólica”. *Dicastério para la Pastoral Juvenil Salesiana*. *ib.* p. 67.

7 GONZÁLES, César – BASUALTO, Lorena. “*Hacia una Pastoral con jóvenes para-institucionales*”, *Revista de educación religiosa* 1/2 (2019), p. 9-36.

época com novas propostas evangelizadoras.

Desta maneira, a dimensão missionária da PJ salesiana assume o desafio de ser uma Igreja em saída: de sair em busca, de estar presente, de conviver ou de participar com estes jovens para-institucionais, não à maneira de conquista para levá-los aos redutos eclesiais, mas sim para compartilhar um estilo de vida e uma mensagem de esperança e salvação, de consolo e justiça, que deveria ser traduzido nas novas linguagens que a cultura atual oferece; às vezes esta linguagem chega a ser contracultural, pela novidade evangélica que possui. É por este motivo que o Papa adverte que “a pastoral juvenil, quando deixa de ser elitista e aceita ser ‘popular’, é um processo lento, respeitoso, paciente, esperançoso, incansável, compassivo”⁸.

São imensas as possibilidades de gerir uma PJ missionária entendida nestes termos; seus frutos são insuspeitados, na medida em que a PJ habitual abra os horizontes para este tipo de presença e/ou inserção e se abandone a ideia de pretender uma pastoral juvenil asséptica, pura, caracterizada por ideias abstratas, afastada do mundo e preservada de toda a mancha, reduzimos o Evangelho a uma proposta insípida, incompreensível, distante, separada das culturas juvenis e adaptada só a uma elite juvenil cristã que se sente diferente, mas na verdade flutua num isolamento sem vida nem fecundidade⁹.

Assim, juntamente com as ervas daninhas que rejeitamos, arrancamos ou sufocamos milhares de rebentos que procuram crescer no meio das limitações.

A partir da experiência salesiana, pode-se afirmar que as missões foram encarnadas porque Dom Bosco, contrariamente a toda corrente da cultura cristã oficial de seu tempo, se arriscou em outro tipo de inserção e com outra compreensão teológica da missão com os jovens mais pobres e dos quais só eram esperadas condutas suspeitas. Assim, a PJ salesiana é essencialmente missionária, pois assim nasceu do coração de Dom Bosco, inserida no mun-

8 Cf. Francisco. *Christus vivit*, n. 237.

9 Francisco. *Christus vivit*, n. 232.

do popular de seu tempo e que procura reconfigurar-se, sensível ao status religioso de adolescentes e jovens; não é preciso converter-se primeiramente para gerir a PPJ, pois nesta forma original de PJ não há necessidade que os jovens assumam “completamente todos os ensinamentos da Igreja para que possam participar de alguns dos nossos espaços para jovens”¹⁰; trata-se de criar novos espaços “para todos aqueles que têm outras visões da vida, professam outros credos ou se declaram alheios ao horizonte religioso”¹¹.

• *Dimensão missionária da PJ, que preconiza outros tempos e ritmos*

Com relação ao item anterior, a PJ missionária dentro do mundo popular precisa considerar um modo de gestão próprio, já que, como afirma o Papa Francisco, se trata de uma pastoral “que tem outro estilo, outros tempos, outro ritmo, outra metodologia (...) mais ampla e flexível”¹². Desta forma é imperioso que ocorram as condições de organização, de recursos humanos, de projetos explicitamente formulados pelas equipes de agentes locais e de jovens animadores, formação de líderes com habilidades específicas para este tipo de PJ missionária, além de estudos territoriais que respondam às exigências diversificadas por áreas geográficas, religiosas e culturais em que estão inseridos estes jovens. Será preciso que a convocatória para a PPJ considere organizar diversos tipos de atividades de inserção como encontros desportivos recreativos, atividades culturais, musicais, experiências solidárias, iniciativas de trabalho e capacitação para o autossustento, encontros de reflexão, adesão consciente a demandas próprias do mundo ou organização popular, entre outras.

Neste tipo de práxis pastoral, o mundo salesiano possui já vastas experiências históricas. Não se trata de uma opção pastoral de indivíduos que façam opção, revestindo certo caráter de líderes carismáticos, mas antes de

10 Cf. Francisco. *Christus vivit*, n. 234.

11 Francisco. *Christus vivit*, n. 235.

12 Francisco. *Christus vivit*, n. 230.

uma comunidade (CEP) que dirija suas energias comunitárias neste setor social e organize seu agir para isto. Não se trata de uma mera “aventura pastoral” de indivíduos; trata-se de ir gerando experiências que sejam fruto do discernimento comunitário e da vontade carismática que o sustenta. Hoje, a sociedade e os jovens mais empobrecidos reclamam da Igreja: credibilidade, confiança e proximidade e, ainda mais, compaixão para com suas vidas em perigo.

Por isso, além dos modelos tradicionais que a PJ vem estimulando, seja de formação de discípulos ou de promoção humana, procura-se privilegiar o modo testemunhal de ação pastoral que, embora não seja um modelo formal, tem a intencionalidade do “estar” mais que do “fazer”. É o modo mais aberto na valorização dos jovens para considerá-los como verdadeiros “interlocutores”, pois também manifestam seus modos de ver, sentidos de vida etc., e que o agente de pastoral não possui e, portanto, o faz crescer. Trata-se da formosa dinâmica de uma Igreja “em saída”, missionária, que se está instalando na vida de uma Igreja que conta com os jovens.

A dimensão intercultural da missão: a interculturalidade, entre maldição e bênção

Heriberto Cabrera Reyes, SDB



Há muitas maneiras de abordar a dimensão intercultural da missão; aqui a vou considerar como uma bênção ou oportunidade. Contudo, admito que em muitos casos o encontro entre pessoas de culturas diferentes se torna difícil e doloroso; por isso o título provocador deste artigo: “maldição e bênção”.

Existem duas palavras para explicar esta situação. A primeira é “multiculturalidade”, que significa o fato ou a realidade de viver com pessoas de diferentes culturas, o que é explicado pela globalização e a imigração. A tentação é que a cultura majoritária busque assimilar os grupos minoritários. Poderíamos resumir dizendo que, quando se trata de grupos humanos diferentes que vivem em um mesmo espaço e tempo, se fala de multiculturalidade.

O segundo conceito, “interculturalidade”, faz referência ao fenômeno da convivência em um mesmo espaço e tempo, de culturas diferentes. A interculturalidade tem como objetivo promover o intercâmbio entre grupos humanos diferentes, por meio da convivência respeitosa e igualitária. Trata-se, então, do processo ou da maneira de viver juntos. Vejamos a seguir este conceito a partir de um ponto de vista teológico-pastoral, especificamente a maneira como o missionário vive este “caminhar com os outros”.

• *O missionário (ou missionária) missionado*¹

O que acontece quando se observar a interculturalidade a partir do interior da missão? Responder a esta pergunta significa falar do que se entende por missão (anúncio, evangelização explícita ou implícita) e seus atores (missionário e povos). A propósito destes últimos, pode ocorrer que os missionários tenham a pretensão de possuir algo que se deve “transmitir”. Minha experiência mostrou que a realidade da missão é mais complexa do que “dar” algo a outro, pois, se alguém está aberto para escutar, como tanto insiste o Papa Francisco, rapidamente o paradigma da transmissão mostra seus limites e se transforma. Em primeiro lugar, porque o assim chamado “missionário”, graças ao contato com os “outros”, se descobre evangelizado ou “missionado”; isto se explica pelo fato de que a diferença manifestada na assimetria cultural e religiosa, obriga a manifestar a própria identidade, não apenas cultural, mas crente. O missionário deve responder à pergunta: quem sou eu enquanto crente?

Por isso afirmo que o espaço missionário é potencialmente evangelizador, em primeiro lugar, para o missionário. Ao dizer isso, ressoa em mim o texto de Marcos 16,7, que descreve muito bem o que chamaria uma mudança de paradigma: “mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro: «Ele vai à vossa frente para a Galileia. Lá o vereis, como ele vos disse!»” Esta breve citação me permite ordenar o que vi e experimentei: que o Senhor sempre nos precede. A teologia tradicional da missão chama isso de “sementes do Verbo” (Ad Gentes, n. 11 e 18). Como explicar isso? A riqueza humana e cultural dos povos mostra que Deus não espera para amar. Ele nos surpreende, precedendo-nos, esperando-nos e interpelando-nos. A presença de Deus pode ser assim percebida de muitas formas. Por exemplo, na grande humanidade de alguns grupos humanos que permitem que a missão fique firme e dialogue com o outro. David Tracy fala de “clássicos”, tratando-se de temas ou experiências nas quais todos nós podemos nos reconhecer e iniciar um

¹ A partir de agora utilizarei a palavra missionário, no masculino, apenas para facilitar a leitura e sem nenhuma intenção de discriminação de gênero.

diálogo. Esta é a minha proposta: passar da transmissão para o diálogo.

• *A missão como oportunidade para sair de si mesmo*

O encontro com o “outro” é uma oportunidade para sair da presunção de ser dono da única maneira de fazer as coisas. Olhar para a realidade como quem tem razão e quem está equivocado, ou o que sabe e o que não sabe, nos divide em dois grupos. Esta abordagem não parece adequada. O missionário não é o que procura corrigir “erros” e “encher vazios”. O missionário deveria procurar na comunidade as realidades de cada pessoa e de cada povo a fim de ajudá-los para que se tornem mais evangélicos. Neste sentido, o missionário é uma pessoa que anima e acompanha os discernimentos pessoais e comunitários.

Isto implica muita flexibilidade. Sair da pretensão de crer que sua própria cultura, língua, lógica de pensamento, culinária, música etc... são melhores. Trata-se de uma atitude difícil. Implica num processo de conversão contínua. Fugir de uma mentalidade colonizadora, de superioridade cultural, inclusive religiosa. Em outras palavras, trata-se de trabalhar nossas resistências, pelo menos nomeando-as e ir reconhecendo suas origens. Trata-se de um processo que pode trazer um enorme crescimento para o missionário. Não significa aceitar tudo, mas sim escutar antes de julgar. Esforçar-se por compreender e, a seguir, discernir com empatia. Há duas coordenadas ao iniciar o trabalho: a comunitária e a pneumatológica; sob a ação do Espírito Santo, o operador principal da missão. Não se trata de um processo relativista ou de mescla (sincretismo), mas, isto sim, de uma oportunidade para enriquecer-se, buscando o que verdadeiramente importa.

• *A interculturalidade como oportunidade para ir ao essencial*

O encontro com a diversidade apresenta muitas perguntas; uma delas

é: o que é o essencial? Porque, se há muitas maneiras de ver, de fazer e de ser diante da realidade, qual é a mais importante? Corremos o risco de agitar-nos por muitas coisas como Marta e esquecer o mais importante. O texto de Lucas (10,38-42) é esclarecedor a respeito disso: o mais importante é sempre a pessoa de Jesus. O caminho para continuar discernindo o essencial passa pela Palavra de Deus, que deve ser meditada e assimilada, a cada dia, tanto pelo missionário como pela comunidade.

• *Oportunidade para maravilhar-se*

A diversidade é uma ocasião para maravilhar-se por lugares, pessoas e modos de agir. Como foi dito anteriormente, implica um pressuposto: a atitude benévola, uma espécie de empatia antes de encontrar o outro. Isto significa sair do egocentrismo: meu país é o mais bonito, minha língua é a mais importante, minha província é a melhor, a universidade em que estudei faz com que as demais sejam pequenas etc. Somente deste modo é que alguém pode maravilhar-se. Maravilhar-se tem como pressuposto abrir a possibilidade do novo e único em minha vida; é viver com muita intensidade o presente, buscar o espetacular nas coisas e realidade que parecem as mais simples.

• *Oportunidade para viver a comunhão*

A comunhão, uma palavra profundamente crente ou teológica, só é possível entre as pessoas que são diferentes. A igualdade não cria comunhão. Por isso a interculturalidade se apresenta como uma oportunidade para fazer vida de comunhão, em torno de um projeto comum, fundamentado na paixão por Jesus Cristo. Em contexto de secularidade ou inter-religioso, o fundamento cristológico nem sempre será possível, porque não diz nada aos não crentes e poderia criar uma forte recusa entre os crentes de outras

religiões. A ponte da comunhão pode tomar a forma de “práticas” ou projetos comuns, como pode ser o serviço aos pobres, a ecologia e tantos outros. Nesse tipo de iniciativas as pessoas diferentes, inclusive muito diferentes, podem viver níveis de colaboração e comunhão surpreendentes.

• *Oportunidade para sofrer*

Quando se trata de interculturalidade é necessário levar em conta os fracassos, as dificuldades e as resistências. Por vezes pode parecer uma maldição ou um pesadelo trabalhar com outros. Nestes casos dolorosos a fé permite dar sentido aos limites de toda relação humana e aos fracassos cooperativos. Sem dúvida, para viver com outros requer-se uma grande energia, como toda construção de pontes.

As críticas dentro e fora da instituição não devem causar estranheza; são relativamente comuns no trabalho com outros crentes ou não crentes. A evangelização é vista com bons olhos. Contudo, a colaboração pode ser percebida como uma ameaça à própria identidade.

É preciso ser realistas e assinalar que a colaboração implica, às vezes, a aceitação de certas ambiguidades. Os compromissos são um caminho em direção à comunhão e, às vezes, nos deixam insatisfeitos. Abre-se assim a porta para respostas criativas nas quais todos nos sintamos ganhadores (“win-win”).

• *A interculturalidade como uma oportunidade para encontrar a Deus*

Quando se fala de interculturalidade, parece importante destacar que através desta experiência antropológica se torna possível a experiência teológica, já que o próprio Deus é comunhão de pessoas, porém, sem confusão. É como nos indica a fórmula trinitária do Catecismo (n. 266), que parece

tão abstrata: “A fé católica é esta: que veneremos o único Deus na Trindade e a Trindade na unidade, não confundindo as pessoas, nem separando a substância”.

A experiência da impotência relacional gera humildade e conversão. Além disso, torna possível encontrar o Deus que se revela aos humildes e aos pobres (Mt 25,40). É importante que o missionário sinta a pobreza, não apenas onde trabalha, mas até em si mesmo. O missionário será sempre um irmão estrangeiro, rico por sua cultura e pobre porque nunca completamente nativo. Aceitar esta impotência é um caminho de crescimento e de fecundidade.

Atualmente é impossível renunciar à interculturalidade, mas não resistir a ela. Os preconceitos e “clichês” são atalhos que permitem ganhar tempo no encontro com o outro; porém impedem a surpresa que significa fazer o caminho longo e sinuoso do encontro. Os atalhos são caminhos percorridos sozinhos, quando se tem pressa. Aceitar a diversidade intercultural faz parte da missão. Consiste em deixar que os outros entrem em nossas vidas, permitindo-lhes interpelar-nos, embora nos incomodem. É desta maneira que podemos nos conhecer.

Pareceria que tudo está relacionado com a atitude. Como brincadeira, quando falo outro idioma, digo: “Vocês podem encarar meu sotaque como algo irritante e incômodo a seus ouvidos, ou podem encarar como algo encantador”; tudo depende da atitude.

Sinodalidade significa caminhar juntos

José Sobrero, SDB



O ponto de partida desta reflexão é o batismo que nos converte em filhas e filhos de Deus, formando o povo de Deus: leigos, consagrados e ministros ordenados. Formas de viver o batismo, com esta fé tão pequena e tão grande que cada um vive na interioridade da pessoa, que se lê no Evangelho de Jesus, se celebra na liturgia e se pratica fazendo o bem.

Se caminhamos juntos na proposta de sinodalidade é por causa do batismo. Na água do batismo tem origem este movimento de pessoas que vivem em comum um carisma dentro da “Igreja comunhão e participação”. Desta maneira “todos somos discípulos missionários em saída”, significado profundo do “caminhar juntos”.

Caminhar juntos é a forma mais eficaz de manifestar e pôr em prática a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário. Todo o Povo de Deus partilha uma dignidade e uma vocação comum através do Batismo.

Pois bem, caminhar juntos como significado de sínodo implica em primeiro lugar a escuta, que nos abre para uma verdadeira experiência de «comunicação-comunhão», que parte da escuta do Espírito, da escuta do mundo em que vivemos, de seus anseios e esperanças, da escuta dos que convivem conosco.

A partir da ótica da missão, podemos enfocar este dinamismo, sabendo que “... na Igreja a sinodalidade é vivida a serviço da missão. Ecclesia

peregrinans natura sua missionaria est [Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto Ad gentes, 2], «esta existe para evangelizar» [Paulo VI, Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi (8 de dezembro de 1975), 14. AAS 63 (1976) 13]. Todo o povo de Deus é o sujeito do anúncio do Evangelho [Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto Ad gentes, 35]. Nele, todo batizado é convocado para ser protagonista da missão, pois todos somos discípulos missionários. A Igreja é chamada a ativar em sinergia sinodal os ministérios e os carismas presentes em sua vida para discernir os caminhos da Evangelização na escuta da voz do Espírito”¹.

Colocamo-nos em marcha, caminhamos juntos, ajudados por algumas perguntas que contêm o ingrediente sempre inquietante do movimento, da ação, da contemplação e do mútuo intercâmbio comunicacional.

• *Propomos, portanto, uma pergunta fundamental²*

Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”: como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje na nossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Para dar uma resposta somos convidados a:

a) perguntar-nos que experiências da própria Igreja particular a interrogação fundamental nos traz à mente?

b) reler estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?

1 COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, Vaticano 2018, n. 53.

2 DOCUMENTO preparatório da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 07.09.2021, n. 26.

c) colher os frutos para compartilhar: onde, nestas experiências, ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Então, no carisma salesiano, vivemos plenamente este desafio da sinodalidade. Somos uma família guiada por São João Bosco para que na Igreja participemos com esta consciência eclesial inspirada no chamado do Papa Francisco. Desta maneira propomos a sinodalidade na vida e missão da Igreja, na qual ninguém fica de fora: se plasma nos chamados níveis de exercício da sinodalidade. Além disso, há um chamado à conversão. Convida à formação para a espiritualidade de comunhão e a prática da escuta, do diálogo e do discernimento comunitário. Em síntese, se trata de criar um *affectus sinodalis*.

Buscamos juntos uma renovada figura sinodal da Igreja, com estas características:

- “Dimensão constitutiva” ou “Igreja sinodal”.
- Ritmo da vida que é movimento e pausa, caminho e reunião, sinodalidade e sínodo.
- Três sentidos da sinodalidade: estilo / estruturas e processos / acontecimentos ou atos.
- Convalidada pelos processos de participação, escuta, consulta, diálogo e discernimento.

Enfrentar juntos esta interrogação exige que nos coloquemos à escuta do Espírito Santo que, como o vento, «sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai» (Jo 3,8), permanecendo abertos às surpresas para as quais certamente nos pre-disporá ao longo do caminho. Ativa-se deste modo um dinamismo que permite começar a colher alguns frutos de uma conversão sinodal, que amadurecerão progressivamente. Trata-se de objetivos de grande relevância para a qualidade da vida eclesial e para o cumprimento da missão de evangelização, na qual todos nós participamos em virtude do Ba-

tismo e da Confirmação. Indicamos aqui os principais, que enunciam a sinodalidade como forma, como estilo e como estrutura da Igreja:

- fazer memória do modo como o Espírito orientou o caminho da Igreja ao longo da história e como hoje nos chama a ser, juntos, testemunhas do amor de Deus;

- viver um processo eclesial participativo e inclusivo, que ofereça a cada um – de maneira particular àqueles que, por vários motivos, se encontram à margem – a oportunidade de se expressar e de ser ouvido, a fim de contribuir para a construção do Povo de Deus;

- reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e dos carismas que o Espírito concede em liberdade, para o bem da comunidade e em benefício de toda a família humana;

- experimentar formas participativas de exercer a responsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável;

- examinar como são vividos na Igreja a responsabilidade e o poder, e as estruturas mediante as quais são geridos, destacando e procurando converter preconceitos e práticas distorcidas que não estão enraizadas no Evangelho;

- credenciar a comunidade cristã como sujeito credível e parceiro fiável em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social;

- regenerar as relações entre os membros das comunidades cristãs, assim como entre as comunidades e os demais grupos sociais, por exemplo, comunidades de crentes de outras confissões e religiões, organizações da sociedade civil, movimentos populares etc.;

- favorecer a valorização e a apropriação dos frutos das recentes experiências sinodais nos planos universal, regional, nacional e local³.

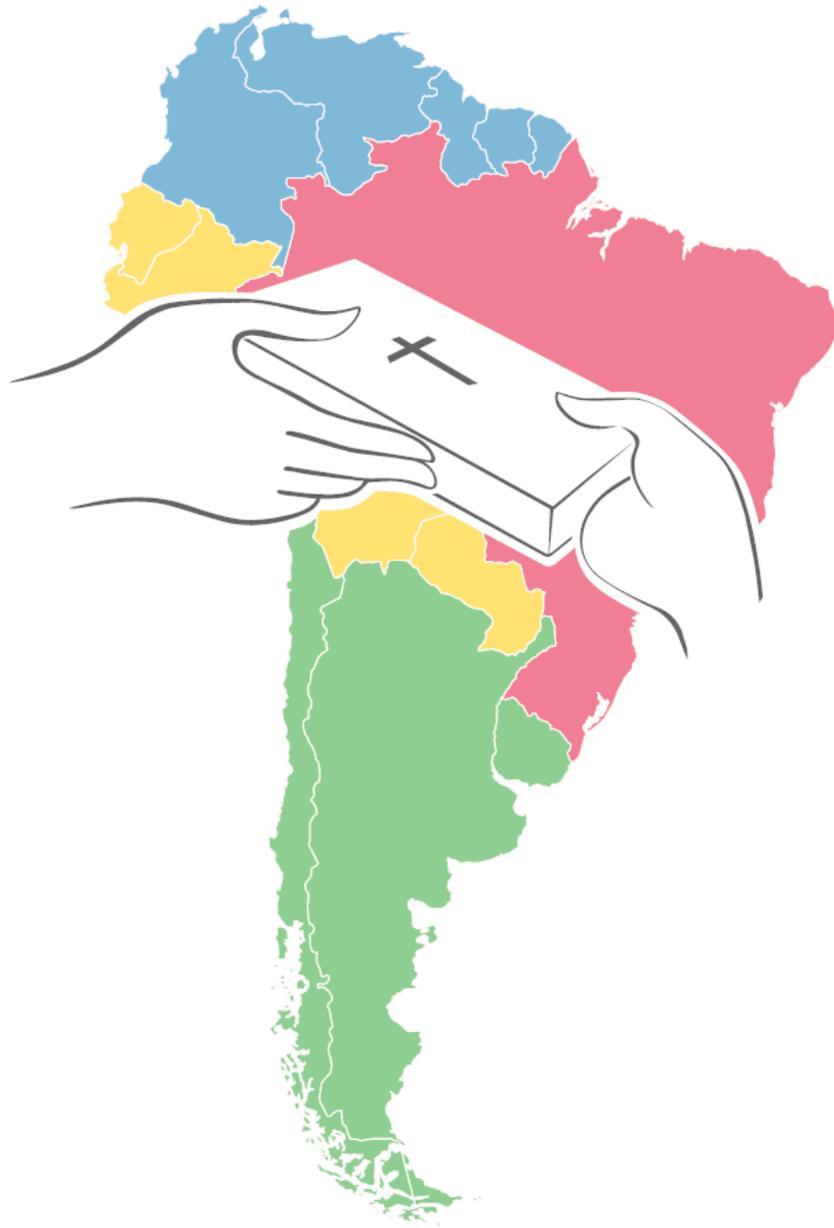
Já temos uma tarefa para realizar juntos: caminhar e, caminhando, construir e partilhar, e ajudar-nos e participando, e comungando, e rezan-

3 Idem, n. 2.

do, e celebrando com este olhar realista de Jesus, de Maria e de nossos amigos, os santos.

Neste devir nós não ficamos estáticos nem paralisados. No momento de agir, “como cristãos e membros ativos da Igreja, não podemos ficar à espera que outros atuem e assumam a responsabilidade pelas mudanças necessárias para que os valores do Evangelho estejam presentes na realidade socioeconômica, política e cultural da nossa região; precisamos estar todos envolvidos no ser e no trabalho da Igreja, com a necessária diversidade e pluralidade, mas sempre na convergência da comunhão, unidade e colegialidade, com a força da sinodalidade onde todos temos o direito de participar, caminhando juntos. Com o Papa Francisco devemos tomar consciência de que não somos salvos sozinhos, que devemos construir uma cultura do encontro, onde todos nós temos uma missão, mas também dar prioridade a que cada um é uma missão”⁴.

4 Mensagem ao Povo de Deus da 38ª Assembleia Ordinária do Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (CELAM).



TEOLOGIA



150 anos



**1ª EXPEDIÇÃO
MISSIONÁRIA
SALESIANA
1875 | 2025**

